

## RESUMO

Este texto se propõe a refletir sobre um fenômeno social, uma tendência humana que quer estar absolutamente integrada e inserida na cultura. Algo como um desejo de alienação que se propõe a dispensar qualquer traço de subjetividade. A partir desta constatação, o texto reúne alguns elementos teóricos do campo psicanalítico para problematizar a questão.

### A paixão em ser instrumento

Laerte de Paula

Ao afirmar que existe uma faceta de nossa humanidade que pretende alienar-se por inteiro no desejo do Outro, estou dizendo que esta alienação equivale a desejar fazer-se instrumento, fazer-se objeto, recusar aspectos que denotem a própria individualidade, que exponham um desajuste inexpugnável entre eu e o mundo. Tratar-se-ia de recusar uma dimensão fraturada, separada da cultura, do todo, um resto inassimilável. Há quem diga que este é um traço intransponível de nossa solidão radical. **Há algo de nossa experiência singular que jamais será dividido com o mundo.** Há algo em nós que não se submete, um resto selvagem, quer elaboremos isso ou não.

Talvez coubesse explicar aqui o estatuto de sujeito na teoria psicanalítica (ou pelo menos segundo a teoria de Jacques Lacan), ou sob qual perspectiva podemos afirmar que o homem é um sujeito dividido e fraturado. Trata-se de debater a categoria ontológica do homem. Não o farei neste texto, mas darei atenção a isto em outro momento. Por ora, voltemos à proposta...

Desejar tornar-se instrumento opera dentro de uma fantasia simples: **Se me torno objeto, posso ser completo. Se me torno objeto, posso completar a falta do Outro.** Mas façamos antes uma distinção importante: uma coisa é a estrutura psicótica, que não teve acesso à experiência de divisão subjetiva e que, portanto, não tem escolha quanto à sua forma de organização psíquica. O psicótico não escolhe se “quer ser sujeito ou objeto”, ele não tem escolha, ele permanece capturado, indefinidamente, na posição de objeto do desejo de Outro; outra coisa, diferente, é a estrutura perversa (ou a neurótica, que está sempre rondando a fantasia perversa), que goza ao ignorar sua subjetividade, mas que existe. O perverso é aquele que **“não quer saber nada disso”** referente à sua subjetividade, seus furos, sua castração. Goza justamente no seu fingimento. O neurótico (a maioria de nós), é aquele que gostaria de poder ser perverso e assim ignorar sua humanidade sem culpa.

Recortemos as frases em negrito:

1) **Se me torno objeto, posso ser completo.** O que a propaganda – e uma imensa parte da cultura – nos vende de forma velada? Compre um objeto e *sinta-se satisfeito*. Em outras palavras, compre um objeto e esteja em harmonia, esteja completo. *Compre e cale a tensão. Compre e cale o desejo.* Não importa que isto dure 30 minutos (aliás, é este mesmo o objetivo), mas a fantasia é a de que **esta suposição é concebível** quando, na verdade, estamos

falando de um engodo, **esta suposição é inviável!** Um objeto é aquilo que promete tamponar uma falta (um carro, um perfume, um iPad, uma companheira), mas que não tampona coisa nenhuma.

2) **Se me torno objeto, posso completar a falta do Outro.** O que caracteriza o objeto é o fato de não ter demanda própria. O objeto não demanda algo para si. Sua única 'função' é sua utilidade para seu proprietário. Sua função é satisfazer a demanda de seu mestre. A partir do momento em que abro mão de minha subjetividade, renuncio também aos meus desejos, às minhas demandas mais singulares. Meu objetivo passa a não ser nenhum outro que não seja o de atender e satisfazer aos desejos e demandas de **Outro** (com maiúscula porque a relação é assimétrica – o Outro é aquele a quem suponho um saber completo, o qual me falta). Desta forma, minha satisfação é saber que meu único valor e utilidade reside em ser instrumento da fruição de outrem. Se me torno objeto, simplifico minha complexidade, minhas contradições, meus não-saberes, minhas faltas, minhas imperfeições. Se me alio àquele que sabe tudo, meu saber incompleto fica aliviado. Em suma, me deformedo para servir de instrumento à realização de Outro e assim calar minha dimensão de tensão e de falta. Gozo ao reduzir-me a objeto e ao calar as angústias provenientes da minha humanidade. Mas veja, esta dinâmica só pode ser vista como deformação sob uma perspectiva (tal qual a psicanalítica) que localiza o sujeito justamente como algo para além de sua objetificação, diferente de perspectivas que situem o ser humano como uma máquina, um amontoado de átomos, como um conjunto de processos químicos (como algumas correntes científicas e o segmento da indústria farmacêutica).

No artigo **A Sedução Totalitária**, de 1991, o psicanalista Contardo Calligaris faz uma leitura da postura de um oficial do regime nazista, o arquiteto Albert Speer, para analisar esta forma de reduzir a dimensão humana à sua *instrumentalidade*. Em boa parte, as reflexões deste texto dialogam com o artigo citado. Frisei no início do artigo que se trataria de uma tendência humana, em outras palavras, não estaríamos falando de um grupo específico de pessoas, mas buscando refletir sobre o que há de geral no psiquismo (e na cultura) que possui apelo aos neuróticos de forma geral: o desejo da *instrumentalidade*. Como diz o autor, seria uma tentativa de **saída perversa da neurose**.

O que quero dizer com *tornar-se instrumento*? Em suma, falo de aderir a um discurso coletivo, abrindo mão de sua reflexão e autonomia crítica. Ou seja, **é uma determinada forma de adesão**. É desculpar sua responsabilidade individual transferindo-a ao grupo (breve digressão: José Saramago disse certa vez que o sujeito se funda quando consegue dizer **Não** ao outro, conquistando assim sua independência – tornar-se humano significaria *não aderir por inteiro*). Exemplos: o movimento nazista, o fenômeno de torcidas organizadas em estádios de futebol, grupos religiosos, e qualquer agrupamento que ofereça uma verdade que precise da submissão irrestrita de seus membros, etc.

Ou seja: podemos analisar um grupo de acordo com sua finalidade, mas também de acordo com o mecanismo de adesão que envolve seus participantes. Uma adesão em massa não significa necessariamente um grupo destrutivo e hostil, mas uma adesão totalitária, totalizante, opera às custas de um regime com dificuldade em conceber e tolerar a realidade e a alteridade, diferenças, restos, ruídos, divergências.

Na verdade, o insight para este texto surgiu quando veio à tona o fenômeno Kony 2012 (outra digressão: o evento ocorreu há 3 meses e já parece algo absolutamente esquecido em meu próprio imaginário – sinal de nossa superficialidade frente aos novos fenômenos culturais?). Independentemente da complexidade dos elementos em questão, o que mais chamou a atenção foi a facilidade com que o projeto arrebanhou seguidores e compartilhadores. Sob a minha perspectiva, o fenômeno mais interessante foi o aparente deleite massivo pela adesão à causa. Acabei abandonando a intenção de pensar este episódio mais a fundo, mas o interesse pelo tema continuou.

Também é dentro desta lógica que operam as mídias sociais: parece que um dos prazeres das redes está em sentir-se ‘compartilhando’ algo com os demais. Como um trem onde todos devem ocupar um lugar muito próximo um do outro. Ir junto para onde os demais estão indo. Compartilhar aqui é enfatizado não no sentido de transmitir, de propagar, mas no sentido de querer consumir aquilo que todos estão consumindo. Querer “curtir” aquilo que todos estão curtindo. Ninguém quer perder *o trem do progresso*, para repetir o clichê gasto. De que progresso se trata, entretanto, essas pessoas parecem não querer saber.

Estamos falando de duas posições subjetivas muito peculiares: grosso modo, em uma o indivíduo reconhece sua autonomia possível (que não é muita), mas sabe-se responsável por suas escolhas e por seus riscos; em outra, o indivíduo supõe-se inapto (menospreza ou subestima o valor de sua autonomia individual) e que **exista alguém ou um grupo que detém as respostas** e resolve aderir ao grupo, esperando que este cuide das escolhas que ele, sozinho, não se sente apto a fazer. Ao fazer isso, porém, ele está transferindo seu não-saber e sua pouca autonomia a outros. Como um burocrata. Como Adolf Eichmann (outro oficial nazista), descrito por Hannah Arendt em **Eichmann em Jerusalém**. Apenas lembrando: ao acompanhar o julgamento do funcionário do regime nazista quando de sua captura, Hannah Arendt (e todo o mundo) imaginava encontrar um monstro, alguém que personificasse o mal, e se deparou com um sujeito mais medíocre, talvez bom homem de família e que, de todas as justificativas para oferecer pelo seu ato, pareceu escolher a ideia de que ‘estava cumprindo ordens’ como a mais razoável. Eichmann não é um monstro enquanto todo o resto de nós somos melhores. Somos mais semelhantes do que gostaríamos de crer. É assim que o mal pode ser banalizado, quando é desempenhado por alguém que goza com a paixão ao cumprimento das regras, mais do que com a maldade gratuita. Eichmann estava muito mais empenhado em seguir com louvor o fluxograma do regime nazista que com as figuras humanas que sofriam seus efeitos.

Não é de forma gratuita que juntei no mesmo texto um exemplo sobre o holocausto judeu e fenômenos aparentemente risíveis e triviais como o “curtir” das redes sociais e a mobilização do Kony para derrubar um ditador sanguinário. Em termos de psiquismo, todos estes fenômenos sociais operam às custas de um mesmo precedente: até onde respondo por mim e até onde me submeto e correspondo às convocações do meio? Mais do que a resposta, **é a pergunta que deve ser sustentada**.

Um indivíduo entregue aos efeitos de uma *massa* talvez dissesse algo como *Que me importa quem sou eu? O importante é que pertenço ao meu grupo!* E neste caso, de fato, sua

subjetividade fica relegada a um mero detalhe descartável. Talvez seja até um entrave (sob a forma de sintomas) que o impeça de conseguir realizar seu desejo absoluto de tornar-se 'por inteiro' um instrumento do grupo.